

**DISCURSOS A FAVOR DO GOLPE:
A PRODUÇÃO DE ENUNCIADOS ANTICOMUNISTAS
E A CONSTRUÇÃO DO GOLPE DE 1964
CONTRIBUIÇÕES DA AD NA ANÁLISE HISTÓRICA**

Pâmella Deusdará (UERJ)
pamellapassos@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Há muito circula no meio acadêmico o discurso que anuncia a necessidade de pesquisas interdisciplinares, ou ainda, trabalhos transversais que, através do diálogo entre as diferentes disciplinas, produzam análises que levem em consideração os fenômenos sócio-históricos em sua complexidade. Tal necessidade acentua-se para nós, pesquisadores das Ciências Humanas, que temos como objeto de estudo as ações dos Homens.

O presente artigo apresenta reflexões de uma pesquisa de mestrado em História, que se propõe ao desafio de compreender os processos históricos, a partir das pistas que se imprimem na materialidade da linguagem. Ou ainda, privilegiar o âmbito discursivo, para, através dele, compreender uma dada conjuntura. A esse respeito, afirma Bakhtin:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (...) a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriam caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados (Bakhtin, 2004, p. 41).

Partindo da afirmação de Bakhtin, para quem as palavras atuam como indicadores das transformações sociais, é que tomamos o terreno da linguagem, a priori visto como local de análise reservado a linguistas e literatos em geral, como privilegiado para nossas reflexões.

A fim de compreender o contexto histórico que antecede a intervenção militar no Brasil em 1964, bem como refletir acerca da legitimidade social que permeou tal intervenção, investigamos o discurso anticomunista e sua relação com o golpe.

ANÁLISE DO DISCURSO

Com esse objetivo, elegemos o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês) como objeto de nossa pesquisa, por compreender que este instituto atuou intensamente na construção do golpe. Em seus materiais – filmes, cartilhas, programas televisivos, entre outros – a (re)produção de um discurso anticomunista colaborou, segundo propomos como hipótese, para a legitimação social da derrubada de Goulart.

O Ipês é criado no berço de uma conjuntura internacional marcada pela ordem bipolar acirrada durante a Guerra Fria, que, na América Latina, assume novos contornos após o alinhamento de Cuba à União Soviética. A lógica bipolar que se acirra nesse período é, sobretudo, travada no plano da linguagem. Como diz Morray “Na guerra fria, as palavras adquiriram uma importância sem precedentes como armas” (Morray, 1961, p. 12)

Sob a ótica de Morray, o contexto internacional marcado pela disputa entre capitalismo e comunismo deve ser analisado para além de seus conflitos ‘reais’ nas respectivas áreas de influências, mas também no conflito cotidiano entre os discursos dos dois blocos.

Pretendemos assim, através dos referenciais da análise do discurso de base enunciativa, compreender o período que antecede a deposição de João Goulart, debruçando-nos sobre alguns materiais produzidos pelo referido instituto.

DISCURSO ANTICOMUNISTA: A PRODUÇÃO / DIVULGAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE SUSTENTAÇÃO

Ao privilegiar o discurso anticomunista produzido pelo Ipês, entre os anos de 1961/1964, investigamos não somente a estrutura lingüística de tal discurso, mas simultaneamente, aqueles que de alguma forma se identificavam com o referido discurso, atuando como sua comunidade de sustentação, seja elaborando-os, reproduzindo-os ou ainda, atuando como co-enunciadores dessas produções.

A perspectiva por nós adotada referencia-se na noção de prática discursiva, apresentada por Maingueneau (1997), na qual o autor ressalta que o processo de constituição de um determinado grupo não

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

é exterior nem posterior ao do pensamento, ou ainda da elaboração de um discurso.

Para o referido autor, a prática discursiva constitui uma produção simultânea de textos e de determinadas comunidades de sustentação desses textos. De acordo com essa perspectiva, grupos produzem textos e textos dão visibilidade a grupos, sem que um preceda o outro. Isto significa dizer que os textos não são transparentes e, portanto, não apontam para uma comunidade preexistente.

Preferimos admitir que não existe relação de exterioridade entre o funcionamento do grupo e o de seu discurso, sendo preciso pensar, desde o início, em sua imbricação. Dito de outra forma, é preciso articular as coerções que possibilitam a formação discursiva com as que possibilitam o grupo, já que estas duas instâncias são conduzidas pela mesma lógica (Maingueneau, 1997, p. 55)

Identificamos, assim, um processo de interlegitimação: os textos, ao serem produzidos, fazem supor a existência de uma comunidade que lhes dê sustentação, ao mesmo tempo em que, ao se instituírem, os textos produzem um lugar de onde é possível enunciá-los e outro, ao qual se dirigem.

Pensando o contexto histórico por nós abordado, sob a ótica da prática discursiva, podemos imaginar a produção de um discurso anticomunista que, dialeticamente, pressupõe a existência do anti-comunismo, ao mesmo tempo em que se traduz em uma comunidade de sustentação, ou seja, uma comunidade anticomunista.

Ao circularem, os textos anticomunistas produzem certo perfil para os anticomunistas, e estes pela sua existência, atuam diretamente na produção do discurso que se opõe ao comunismo, elaborando modos de combatê-lo, reafirmando outro projeto para o Brasil. Não podemos assim, estabelecer nenhuma relação de precedência, pois como afirma Maingueneau:

Não se dirá, pois, que o grupo gera um discurso do exterior, mas que a instituição discursiva possui, de alguma forma, duas faces, uma que diz respeito ao social e a outra, à linguagem. A partir daí, as formações discursivas concorrentes em uma determinada área também se opõem pelo modo de funcionamento dos grupos que lhes estão associados. (Maingueneau, 1997, p. 55)

Como aponta Maingueneau, precisamos dar visibilidade, aos dois lados que compõem uma dada formação discursiva, e refletir

ANÁLISE DO DISCURSO

acerca da sua dimensão circunscrita no social e na linguagem. Ao produzir textos anticomunistas difundidos em seus materiais, o Ipês não só buscava criar uma dada identidade do que é ser anticomunista, como também dava visibilidade a uma “comunidade” anticomunista que sustentava tais reflexões e propostas.

Ou seja, a produção de textos anticomunistas, circulando em diferentes meios, quais sejam boletins, panfletos, programas televisivos, entre outros, ao colocar em cena o combate ao comunismo, materializa uma luta que supostamente se daria entre “os regimes orientais que escravizam o homem” e “as democracias ocidentais”. Essa luta vai produzindo modos de ser e agir anticomunista, dando visibilidade a uma comunidade de sustentação das referidas propostas e reflexões, os grupos anticomunistas.

Em nossa hipótese, tal instituto atuava divulgando e produzindo o anticomunismo. Ou seja, dando visibilidade a uma dada comunidade de sustentação, que possui uma identidade anticomunista, e também, produzindo tal identidade nos co-enunciadores de seus materiais através de enunciados que se opunham ao comunismo e que permeavam as produções ipesianas.

A REALIDADE SOVIÉTICA NUM FOLHETO: A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO NO ÂMBITO DISCURSIVO

Atuando como um polvo com diversos tentáculos, o Ipês produziu: filmes, livros, cursos, seminários, boletins, programas televisivos e folhetos. Atravessa esses diferentes materiais um projeto de combate ao comunismo e de construção de uma sociedade brasileira de capitalismo associado ao capital internacional.

Trabalhamos com a idéia de que o discurso anticomunista foi utilizado pelos ipesianos, com a finalidade de atingir os dois objetivos apresentados acima, apontados por nós como sendo os principais do Ipês. Ou seja, a produção de um medo / repúdio ao comunismo permeou os materiais produzidos pelo instituto, sendo o discurso anticomunista privilegiado para difundir o projeto do Ipês.

Para o presente artigo selecionamos como *corpus* de análise um folheto produzido por esse órgão e que busca apresentar a reali-

dade de um trabalhador soviético sindicalizado. Com intuito de realizar uma análise que privilegie o âmbito enunciativo recorremos a noção de *gêneros do discurso*, introduzida por Bakhtin (2000) e operacionalizada por Maingueneau (2001).

(...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

A riqueza e variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (Bakhtin, 2000, p. 279).

Temos assim, nos seguintes elementos, pistas importantes para a caracterização dos gêneros do discurso, na associação indissolúvel entre práticas de linguagem e atividade social: temáticas abordadas, o tempo e o espaço de enunciação, suporte e modos de difusão, dentre outras.

Ilustrando a definição e alguns dos critérios apresentados anteriormente, diríamos que, se pensarmos no gênero receita, imediatamente nosso conhecimento de mundo nos remeterá às prescrições médicas ou procedimentos de culinária, pois as formas relativamente estáveis desses enunciados apontam para tal associação. No entanto, se alguém nos fala de uma receita de tese acadêmica, ou mesmo receita de poesia, o estranhamento se torna inevitável, pois aponta para uma aparente transgressão do que circunscrevemos como gênero receita.

O material por nós analisado circunscreve-se no gênero folheto, que, de maneira geral, podemos caracterizar como capaz de divulgar/ apresentar temáticas de forma sucinta. Assumindo uma função propagandística, o folheto apresenta traços didáticos, que têm como objetivo assegurar a interlocução entre enunciadores e co-enunciadores.

No que tange às possibilidades de temáticas inerentes ao gênero folheto, acreditamos que tal gênero agrega um leque amplo de opções. Os folhetos são: comerciais, religiosos, políticos científicos dentre outros. E no interior dessa divisão temática podemos ainda pontuar sub-temáticas trabalhadas por cada uma delas.

ANÁLISE DO DISCURSO

Em nossa análise, caracterizamos o folheto produzido pelo Ipês como sendo um folheto de cunho político, pois apresenta os traços estáveis que classificam tal gênero. O material possui oito laudas, sem contar as capas, em formato brochura e que divulga a “realidade de um trabalhador soviético”.

A temática abordada pelo folheto é um fator importante para classificá-lo como um folheto político. Outro aspecto que nos leva a tal conclusão, é estruturação / organização do texto, que se centra na exposição e “comprovação” de idéias, utilizando-se exclusivamente da linguagem escrita, não utilizando imagens como: figuras, charges etc.

Passemos agora para uma análise mais sistemática de nosso material, momento no qual as opções teóricas feitas se concretizam. Primeiramente, cremos ser importante para a referida análise uma breve explanação sobre o contexto histórico no qual o folheto foi elaborado.

O período no qual o folheto foi produzido caracteriza-se pela disputa ideológica entre comunismo e capitalismo, essa bipolarização, materializava-se, dentre outras formas, na oposição entre mundo “democrático” e mundo soviético. No contexto brasileiro a Guerra Fria assumia seus próprios contornos, segundo interesses da burguesia nacional, como veremos em nosso *corpus*.

Um primeiro elemento a ser apontado em nossa análise é a criação de uma cena de diálogo entre enunciador e co-enunciador, com ênfase para uma dinâmica de perguntas que vão sendo respondidas, elaboração de hipóteses centradas em um “você”, entre outras marcas. A encenação do referido diálogo pode ser percebida já na capa do material, onde encontramos a seguinte frase: “*Se você fosse um trabalhador soviético... a principal tarefa de seu sindicato, seria fazer você trabalhar ainda mais*”.

Podemos apreender como marcas lingüísticas a utilização das aspas, como forma de evidenciar um deslocamento do enunciado de outra situação de enunciação, ou ainda de atribuição do enunciado a outro enunciador. O emprego da conjunção condicional “se” também oferece pistas para nossa análise, pois busca desde a capa do folheto, produzir uma identidade do co-enunciador (você), que, ao longo do

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

material, constrói-se como sendo o trabalhador brasileiro em oposição ao trabalhador soviético.

Retomando nossas reflexões acerca da idéia de prática discursiva, e da simultaneidade entre produção de discursos e comunidades de sustentação, devemos pensar que, ao mesmo tempo em que o Ipês divulga as idéias de uma determinada parcela do social, que compreende o mundo soviético tal como ele é apresentado neste folheto, ele também procura produzir uma comunidade que se identifique com tal leitura.

Ou seja, através de seus materiais, o instituto por nós estudado dá visibilidade a uma dada visão dos comunistas, sustentada por seus enunciadores anticomunistas, assim como objetiva ampliar reunir mais adeptos dessa visão e que passem a sustentar suas propostas.

Pressupondo um co-enunciador que apresente interesse em conhecer a legislação, os sindicatos e a vida de trabalhadores soviéticos, o enunciador fala sobre a realidade soviética a um “você”, trabalhador brasileiro.

Todavia esse “conhecimento” da realidade soviética dar-se-á através da mediação do enunciador do folheto, que, lembremos, é um instituto anticomunista. Assim, como em toda formação discursiva, o enunciador realizará uma “tradução” da realidade soviética, de acordo com a sua leitura de mundo, com base em sua competência discursiva.

Essa tradução se dará através da produção de um simulacro do mundo soviético, por parte do enunciador, que interpreta a lei para o seu co-enunciador, fato que nos leva à hipótese de que esse pressupõe um co-enunciador incapaz de compreender a legislação soviética.

Assim, a Constituição dos sindicatos soviéticos é “interpretada” e “traduzida” pelo enunciador, a fim de “construir” a realidade de um trabalhador soviético. Dentre as diversas marcas linguísticas presentes em tal tradução, acreditamos ser importante ressaltar o estranhamento do enunciador ao falar da realidade de um trabalhador soviético, estranhamento esse que aparece através das aspas, como no fragmento abaixo:

ANÁLISE DO DISCURSO

Note-se nesta LEI COMUNISTA não há uma só palavra que diga que os «sindicatos» lutarão pela elevação dos salários, mesmo que seja elevada a produção, à força.¹³

Assim não somente neste fragmento, mas ao longo de todo o material, ao se referir aos sindicatos soviéticos, o enunciador faz uso das aspas, opondo «sindicato» soviético ao sindicato verdadeiro:

Será que um verdadeiro sindicato ajudaria a empresa a fazer com que os trabalhadores «cumpram e ultrapassem» as quotas de trabalho ou será que deveria antes proteger seus trabalhadores contra o trabalho excessivo? (*Idem, ibidem*)

O fragmento acima aponta para outra característica presente no referido folheto, qual seja o tom didático que se mostra em pistas lingüísticas tais como perguntas, reformulações e relatos autorizando o enunciador a falar a partir do lugar de alguém que conhece as leis comunistas.

Procuramos identificar, nesta breve análise, a relação entre o discurso anticomunista produzido pelo Ipês, bem como sua comunidade de sustentação, refletindo acerca de alguns dos elementos coercitivos da configuração de um gênero do discurso, em nosso caso, o gênero folheto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pressupondo como co-enunciadores um público amplo, composto de trabalhadores interessados no modelo de sindicato soviético, o enunciador vai passo a passo construindo a identidade do trabalhador brasileiro a partir do confronto com o que ele apresenta como sendo o trabalhador soviético, divulgando assim, de forma bastante didática, um simulacro do mundo comunista.

Destacamos assim que a produção de identidade se constrói necessariamente através da alteridade, ou seja, é pela relação que estabelece com o outro, seja ela de aproximação ou afastamento, que produz minha identidade.

¹³ Folheto "Se você fosse um trabalhador soviético", p. 2. Arquivo Nacional. Fundo Ipês.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em nosso caso específico, o enunciador do folheto procura construir uma identidade para o co-enunciador “você” [trabalhador brasileiro] que se opõe ao que ele produziu como sendo a identidade do “trabalhador soviético”.

Utilizando-se do gênero folheto, que, como apresentamos anteriormente, caracteriza-se por apresentar / divulgar idéias de maneira sucinta, o Ipês ao produzir este material dialoga diretamente com os trabalhadores brasileiros, dando visibilidade a uma identidade anticomunista, e de modo simultâneo agindo para ampliação de tal identidade entre os trabalhadores brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Denise. *Propaganda e cinema a serviço do golpe (1962-1964)*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2001.

BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 11ª ed. 2004.

———. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Rio de Janeiro: Contexto, 2004.

DREIFUSS, René Armand. 1964: *A conquista do estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Trad. Laboratório de Tradução da Faculdade de Letras da UFMG. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

FLORES, V. N. & TEIXEIRA, M. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Cortez, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 1997.

———. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

REZENDE, Maria José de. *A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984*. Londrina: Eduel, 2001.

ROCHA, Décio & DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: O lingüístico e seu entorno. *DELTA*, São Paulo, vol. 22, p. 29-52. 2006.